



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Questões Agrária, Urbana, Ambiental e Serviço Social

Sub-Eixo: Ênfase em Questão Urbana

ASPECTOS DA QUESTÃO SOCIAL EM PARAÍBA DO SUL NO CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

Jaqueline de Melo Barros¹
Antônia Carolina da Silva Freitas Neta²
Cristiane Aparecida de Souza Silva³
Dabla Taís Souza de Almeida⁴
Elisângela Freitas Ferreira⁵
Francele da Silva Paulo⁶
Mateus Rosa de Souza⁷
Tamires Carvalho da Silva⁸

Resumo: O objetivo do trabalho é identificar as expressões da questão social presentes em Paraíba do Sul, tomando como referência de análise os discursos dos moradores. Para tanto durante os meses de abril e maio de 2019 alguns bairros foram visitados, quando foram realizadas entrevistas com os moradores de maneira aleatória, ou seja, conforme a disponibilidade e facilidade para responder as questões propostas. Identificou-se que a questão do desemprego e urbanização foram o marco das questões nas falas dos moradores.

Palavras-chave: população, questão social, serviço social.

Abstract: The objective of this work is to identify the expressions of the social question present in Paraíba do Sul, taking as reference the analysis of the residents' discourses. To do so during the months of April and May 2019, some neighborhoods were visited, when interviews were conducted with the residents in a random manner, that is, according to the availability and easiness to answer the questions proposed. It was identified that the issue of unemployment and urbanization were the mark of the issues in the residents' speeches.

Keywords: population, social issue, social work.

INTRODUÇÃO

¹ Professor com formação em Serviço Social, Faculdade Redentor Paraíba do Sul, E-mail: profa.jaqueline.barros@gmail.com.

² Estudante de Graduação, Faculdade Redentor Paraíba do Sul, E-mail: profa.jaqueline.barros@gmail.com.

³ Estudante de Graduação, Faculdade Redentor Paraíba do Sul, E-mail: profa.jaqueline.barros@gmail.com.

⁴ Estudante de Graduação, Faculdade Redentor Paraíba do Sul, E-mail: profa.jaqueline.barros@gmail.com.

⁵ Estudante de Graduação, Faculdade Redentor Paraíba do Sul, E-mail: profa.jaqueline.barros@gmail.com.

⁶ Estudante de Graduação, Faculdade Redentor Paraíba do Sul, E-mail: profa.jaqueline.barros@gmail.com.

⁷ Estudante de Graduação, Faculdade Redentor Paraíba do Sul, E-mail: profa.jaqueline.barros@gmail.com.

⁸ Estudante de Graduação, Faculdade Redentor Paraíba do Sul, E-mail: profa.jaqueline.barros@gmail.com.

Quando falamos do contexto histórico de um bairro ou de uma cidade, estamos falando de acontecimentos que contribuíram para o seu desenvolvimento, formação e construção. Sendo assim, a visão e os relatos dos moradores se tornam imprescindíveis para a formulação histórica desses locais. Afinal o que contaria mais do que relatos feitos por pessoas que vivenciam, presenciam e fazem parte dos acontecimentos desses territórios?

Diante disso, a importância desse trabalho ao analisar, do ponto de vista dos moradores da cidade de Paraíba do Sul, a contextualização de seus respectivos locais de moradia, demonstrando as dificuldades de acesso aos serviços, bem como a de Instituições que atendam às demandas da população se faz necessária para compreendermos as expressões da questão social local, fundamentando condições analíticas para atuação profissional do assistente social.

Para a obtenção dos dados foi realizada visita de campo concomitante a aplicação de questionários semi-estruturados com os moradores. Assim como, foi realizada uma pesquisa bibliográfica através de dados secundários e visitas a sites no sentido de encontrar dados históricos sobre Paraíba do Sul. Tendo o intuito de realizar uma análise crítico-dialética dos dados referentes à questão social.

Desse modo, este trabalho está dividido nesta introdução, posteriormente discutimos a questão social relacionada ao trabalho do assistente social de forma sintética. Apresentamos as análises da questão social em Paraíba do Sul-RJ articulada à reflexão do conhecimento da atuação profissional do Serviço Social e por fim, algumas considerações finais.

2. Entendendo a Questão Social - objeto do trabalho do assistente social

A compreensão da questão social para a atuação do assistente social é necessária para qualificar e produzir análises que possibilitem a compreensão da realidade vivida pelos usuários dos serviços. Nesta perspectiva, Iamamoto (2001, p. 11) nos informa que “a premissa é de que a análise da questão social é indissociável das configurações assumidas pelo trabalho e encontra-se em disputa pelos distintos projetos societários”.

Entender que a questão social é uma expressão da relação entre o capital e o trabalho nos faz buscar as suas expressões postas na atualidade. Já que Paulo Netto (2001, p.45) expõe que “a questão social é constitutiva do desenvolvimento do capitalismo” e desta forma, conforme a conjuntura há mudanças na forma de observar e analisar tal questão.

Tanto Iamamoto (1999, p. 27) quanto as Diretrizes Curriculares do Serviço Social de 1996 apontam a questão social como objeto fundante da atuação profissional. Assim diz a autora em referência que “o Serviço Social tem na questão social a base de sua fundação

como especialização do trabalho. Questão Social apreendida como o conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura [...]”.

Tais desigualdades são expressas na forma de apropriação da riqueza socialmente produzida, em que os proprietários dos bens de produção concentram a posse da riqueza em detrimento da produção do pauperismo no interior da classe trabalhadora.

Mas como, fica a questão social em tempos de capital financeiro? Responde lamamoto (2008, p. 125)

[...] o predomínio do capital fetiche conduz a banalização do humano, à descartabilidade e indiferença perante o outro, o que se encontra na raiz das novas configurações da questão social na era das finanças. Nessa perspectiva, a questão social é mais do que as expressões da pobreza, miséria e “exclusão”. Condensa a banalização do humano, que atesta a radicalidade da alienação e a invisibilidade do trabalho social e dos sujeitos que o realizam na era do capital fetiche [...] (IAMAMOTO 2008, p. 125)

Nesses novos de análise do capital financeiro a questão social se metamorfoseia e assume novas roupagens, qualificadas por lamamoto (2008, p. 145) de “fratura entre o desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social e as relações sociais que o impulsionam. Fratura esta que vem se traduzindo na banalização da vida humana [...]”.

Se estas condições postas pelos autores aqui referenciados demonstram a importância do capital financeiro em detrimento do capital que é investido na produção e gera trabalho, fundamentando a banalização do ser humano e o seu descarte enquanto força de trabalho na produção de novas mercadorias.

Assim, o Serviço Social tem uma relação intrínseca com as expressões da questão social, pois seu trabalho concreto, ou seja, útil e o trabalho abstrato, que compõe o conjunto de trabalho da sociedade, vem cotidianamente produzindo análises e enftretamentos para as condições que os usuários dos serviços, que são trabalhadores, apresentam nos atendimentos, plantões, entrevistas, grupos, dentre outros.

Entendido a relação entre Serviço Social e questão social, iremos passar para a análise dos dados da pesquisa realizada com os moradores de Paraíba do Sul, quando se identifica as expressões da questão social a partir do discurso popular consolidando uma análise articulada entre a realidade e a teoria.

3. As expressões da questão social em Paraíba do Sul-RJ

A história da cidade de Paraíba do Sul se inicia em 1681 quando Garcia Rodrigues Paes, o filho do bandeirante Fernão Dias, descobriu um remanso no Rio Paraíba do Sul. Ele percebeu que o local era próximo do Rio de Janeiro e estrategicamente abriu um caminho que facilitasse o tráfego entre as minas de pedras preciosas e quinze anos depois se inicia a abertura do novo caminho que foi concluído em 1700.

Em 1833, a localidade foi elevada à categoria de Vila, com a denominação de Paraíba do Sul, tendo, trinta e oito anos depois, adquirido foros de Cidade. Paraíba do Sul está diretamente ligada à história da Inconfidência. Possui na Vila de Sebollas, 3º distrito, os restos mortais de Tiradentes; que por determinação da sentença de morte, foram expostas em frente à Fazenda das Sebollas, local onde o inconfidente pregava a Independência do Brasil.

De acordo com os dados do IBGE, a cidade de Paraíba do Sul é dividida em quatro distritos: Paraíba do Sul, Inconfidência, Saltares e Werneck; e para análise das expressões da questão social no município foi limitado os números de bairros participantes da pesquisa, identificados pelas visibilidades expressivas da questão social presente, ou seja: Barão de Angra, Limoeiro e Alto do Limoeiro, Eldorado, Liberdade e Palhas – representando o distrito de Paraíba do Sul. Representando o distrito de Saltares, analisaremos os bairros: Morro da alegria, Grama, Santo Antônio, Bela Vista, Fernando. O distrito de Werneck será representado pelos bairros: Santa Josefa e Ladeira do Curupaity, Caminho de Dentro e Amapá. Referente à história dos bairros do município, não possui dados bibliográficos no site nem documentos da Cidade de Paraíba do Sul.

Através da pesquisa buscamos demonstrar as necessidades e dificuldades dos habitantes de Paraíba do Sul, o perfil dos mesmos e o acesso desses aos serviços de assistência social. Apresentar também a história/origem do município por intermédio de levantamentos bibliográficos e relato dos cidadãos. Através de questionários feitos para a população conseguimos apresentar dados dos bairros, números de entrevistados e gênero.

Tabela 01 – Nomes dos bairros, números de entrevistados, gênero.

	Nº de entrevistados	M ulher	H omem
Eldorado	2	2	
Barão de Angra	4		4
Limoeiro	3		3
Liberdade	3	2	1
Morro da Alegria	2	1	1
Grama	3	2	1
Fernando	1		1
Santo Antônio	1		1
Caminho de dentro	1		1
Bela Vista	1	1	
Amapá	1		1
Werneck	2	1	1
Santa Josefa	2	1	1
Ladeira do Curupaity	3	2	1
Bairro Palhas	2	1	1

Alto Limoeiro	2		2
Total	33	3	2

Elaboração: Própria

Verificamos com nossa ida a campo através dos moradores do Distrito de Barão de Angra do Município de Paraíba do Sul, que se divide em duas partes, sendo estas a Parte Alta e a Parte Baixa. Ambas possuem uma infraestrutura regular com saneamento básico, luz, uma quadra que atende a prática de lazer e esportiva da população, esgoto e asfalto, entre outros aspectos que serão referidos posteriormente.

A respeito da adequação dos moradores ao bairro, os mesmos se sentem bem devido à tranquilidade que se encontra, ainda que nos últimos anos existam algumas questões aparentes relacionadas à violência e a falta de acesso e locomoção (falta de transporte público e horários insuficientes) para o trabalho, escolas e unidades de saúde. Relataram, ademais, que contam, majoritariamente, com os serviços do Município de Três Rios. Segundo os moradores o bairro conta com serviços básicos de limpeza e coleta de lixo.

Constatamos que nessa localidade prevalecem os empregos informais, mas que, no entanto, há uma margem empregatícia que conta com instituições privadas e estatais que abrangem parte dos empregos formais, sendo estas: Salutares (empresa de transporte coletivo), Serval (Serviço e Equipamentos Industriais), Fábrica de Ração, Regional Telhas, RS. Mundo dos Doces, Apollo Concreteira, DETRAN e pequenos Comércio, entre outras empresas pertencentes ao Município vizinho de Três Rios.

Mesmo contando com tais setores empregatícios nos foi relatado pelos moradores que o que prevalece são os empregos autônomos e sem vínculos, dando ênfase no grande número de desempregados que demonstrou ser um fenômeno preocupante entre os habitantes. A metamorfose no mundo do trabalho, que segundo Netto (1996) as intensas transformações societárias reconfiguraram novas necessidades sociais na qual atinge a divisão sócio técnica do trabalho. IAMAMOTO (2015, p. 86), sustenta que:

Constata-se, ainda, a convivência de formas de trabalho assalariado com o trabalho autônomo, doméstico, clandestino e as múltiplas expressões de precarização dos vínculos e relações de trabalho, com amplo comprometimento das conquistas e direitos trabalhistas, assim como das tradicionais estratégias de organização e luta sindical. (IAMAMOTO, 2015, p. 86)

Enquanto os avanços obtidos no Distrito, no ponto de vista de um morador que reside na região há 25 anos e de outro nascido e criado no local há cerca de três anos, é que a demanda se encontra insuficiente, pois existem cerca de 400 crianças para serem incluídas, sendo que os suportes médios são de 80 crianças, uma Unidade de Saúde que se concentra há 12 anos e uma via de acesso que segue sendo construída. De acordo com os

mesmos o avanço ainda não se constituiu por forte influência do coronelismo e da tirania, que não deixam chegar o progresso ao Distrito para não perderem o domínio sobre a localidade.

Referente aos Bairros Limoeiro e Alto Limoeiro, sobre o que foi observado pelas entrevistadoras, e a partir dos relatos dos moradores, percebe-se altos níveis de vulnerabilidades nesses Bairros em relação aos outros em que foram realizadas as entrevistas. Vulnerabilidades que se apresentaram de inúmeras expressões da questão social como: população de rua, usuários de drogas/álcool, desemprego, que segundo os habitantes vem se ampliando em larga escala.

O Bairro possui uma infraestrutura básica com insuficiências na rede de esgoto, falta de pavimentação e queda de energia; porém contam com saneamento básico, que inclui: uma unidade de saúde; uma escola, que atende o público do ensino fundamental completo; uma quadra que atende a prática de lazer e esportiva da população; e uma praça, contando também, com os serviços de limpeza e coleta de lixo.

Sobre a adequação dos moradores ao bairro, os mesmos se sentem bem, contudo relataram que há altos índices de violência, falta de acesso e locomoção (falta de transporte público e horários insuficientes) para o trabalho, escolas e para as unidades de saúde.

Percebemos que nessa localidade prevalecem os empregos informais, com uma pequena margem empregatícia que conta com instituições privadas e estatais que abrangem parte dos empregos formais, sendo estes: comércios, mercados e, em sua maioria, fazendas/sítios que empregam grande quantidade da população.

Os avanços obtidos nos Bairros, no ponto de vista de um morador que reside na região há cinco anos e de outro nascido e criado no mesmo lugar não houve muitos progressos, com exceção da Unidade de Saúde que se concentra há 13 anos. Via redes de assistência os moradores não contam com programas habitacionais desde o governo Rogério Onofre, e demonstram conhecer os serviços do CRAS - Centro Referência de Assistência Social e do CREAS - Centro Referência Especializado de Assistência Social, mas que, todavia, não se tem acesso aos serviços prestados por essas instituições. A partir de então nos foi relatado por dois moradores que desconhecem os serviços sociais prestados, mas que conhecem o assistente social enquanto profissional, a causa de suas intervenções junto à população beneficiária do Programa Bolsa Família. Enquanto outros três moradores conhecem os serviços prestados pelo Serviço Social através da intervenção deste profissional dentro da unidade de saúde e de educação do bairro; e também na garantia de direitos da população, mas, enfatizando que os mesmos são precários.

No Bairro Eldorado foram entrevistadas duas moradoras de 37 anos. Ambas residem há 15 anos no mesmo local. Outra moradora do bairro, de 43 anos, reside há 19 anos no

lugar. Constata-se que o bairro possui uma infraestrutura básica que conta com luz, saneamento básico que inclui uma unidade de Saúde inaugurada recentemente; uma creche; uma escola que atende ao público do ensino fundamental completo e uma quadra onde acontecem aulas de Judô e Futebol Americano, e que atende à prática de lazer e esportiva da população abrangendo a faixa etária de 07 a 13 anos, e uma praça. O Bairro conta com serviços de limpeza e coleta de lixo, sendo que, ultimamente, a limpeza das áreas públicas se encontra insuficiente. Além disso, as entrevistadas relataram que os serviços de limpeza da praça e dos locais próximos a sua moradia são feitos de forma a manter apenas o mínimo.

Segundo as moradoras, o Bairro é um local bom de morar, todavia, relataram que existem altos índices de violência e falta de acesso e locomoção (falta de transporte público). A ausência de transporte acaba afetando diretamente as condicionalidades de frequência escolar e até mesmo o cumprimento de horários, requisitos mínimos da escola e para o recebimento de benefícios como o Bolsa Família. Expressando também grande índice de drogas e alcoolismo, de desemprego, coleta de lixo irregular, falta de iluminação, o que acaba contribuindo negativamente para a efetivação dos mínimos direitos desses cidadãos.

Observamos que nessa localidade também prevalecem os trabalhos informais, com uma pequena margem empregatícia que conta com instituições privada e estatais que abrangem parte dos empregos formais, sendo estas: comércios, mercados, empresa privada e, em sua maioria, fazendas/sítio que empregam uma maioria da população.

No que diz respeito à participação dos moradores em ações políticas nesse bairro. Segundo as duas moradoras não existe um consenso ou estímulo entre os moradores, a partir disso não existe um representante legítimo que os represente, dessa maneira as mesmas são as principais envolvidas nesse processo de denúncias e reclamações que visam à conquista por melhorias, em que muitas das vezes utilizam os meios de comunicações como o rádio e a internet para se expressarem, e até mesmo solicitam diálogos com os representantes políticos da cidade e do bairro.

As moradoras que residem nas localidades há 15 e 19 anos não consideram que houve grandes avanços na região, com exceção do povoamento que aconteceu após a política de habitação ainda na gestão do prefeito Rogério Onofre e da unidade de saúde inaugurada mais recentemente.

Referente às redes de assistência, os moradores não contam com programas habitacionais desde o governo Rogério Onofre, e disseram ter conhecimento dos serviços prestados pelo Centro Referência de Assistência Social (CRAS) e acesso ao benefício do Bolsa Família; afirmaram desconhecer o Centro Referência Especializado de Assistência

Social (CREAS), mas disseram conhecer o assistente social enquanto profissional, mas que só procuram por seus serviços no caso de encaminhamentos, já que o acesso aos profissionais é complexo segundo as duas moradoras.

No Distrito de Werneck foram entrevistadas duas pessoas que residem no mesmo local. A entrevistada tem 47 anos, ela reside em Werneck desde que nasceu; o entrevistado tem 48 anos e reside no bairro há oito anos. A entrevistada se considera da cor preta, e o entrevistado também. A entrevistada segue a religião evangélica, enquanto o entrevistado não segue nenhuma religião. A entrevistada tem o nível de escolaridade de ensino fundamental completo, enquanto o entrevistado tem o ensino fundamental incompleto. Em relação aos vínculos empregatícios, a entrevistada é empregada doméstica e tem apenas um vínculo empregatício, e o entrevistado é pintor e também tem apenas um vínculo empregatício. Ambos relataram que suas cargas de horário de trabalho semanais são de 40 horas.

O Bairro possui uma infraestrutura inadequada, que conta com luz (iluminação precária) saneamento básico - que inclui uma unidade de saúde; uma creche, duas escolas, sendo uma de ensino fundamental até o quarto ano, e a outra uma escola Estadual que atende o público do ensino fundamental a partir do sexto ano até o ensino médio completo. Contam com serviço de limpeza e coleta de lixo, sendo que, ultimamente a limpeza das áreas públicas se encontra precária. Os entrevistados relataram que é frequente encontrar cobras (cascavel) nas ruas por conta dos matos que demoram muito para serem cortados. Em relação à coleta de lixo, os moradores estão satisfeitos. É constante em algumas ruas a falta d'água; não há conservação dos patrimônios públicos; o asfalto encontra-se esburacado.

De acordo com os moradores o local é bom para viver, contudo, houve um aumento dos índices de drogas e violência, sem contar a falta de acesso a transportes públicos regulares, sendo eles muito precários, e que frequentemente funcionam fora do horário e em situações inadequadas.

Os trabalhos informais são os que prevalecem, sendo compostos por: fábricas de doces (de pequeno porte), mercearias, padarias, um mercadinho, uma farmácia e trabalhos domésticos. A maioria da população procura emprego no centro da cidade ou na cidade vizinha, Três Rios.

A participação dos moradores em ações políticas no bairro, segundo os dois entrevistados, não existe um conselho e nenhum vínculo que possa estimular uma comunicação com os demais moradores. E quando precisam fazer alguma reclamação sobre o bairro, geralmente procuram pelos vereadores, principalmente os que residem no mesmo município; ou tentam entrar em contatos com as rádios da cidade para relatar algum

problema que esteja acontecendo. Enquanto aos avanços, não houve nenhuma mudança significativa, só com relação ao asfalto em algumas ruas.

Referente às redes de assistência os moradores não contam com programas habitacionais, e disseram que grande parte dos moradores não tem conhecimento dos serviços prestados pelo CRAS. Muitos têm conhecimento sobre o acesso ao benefício do Bolsa Família, mas desconhecem o CREAS. Muitos não conhecem o trabalho de um assistente social, mas já ouviram falar por “alto” sobre algum assistente social.

No Bairro da Grama, referente às mudanças, só houve a colocação do asfalto. Dentre as entrevistadas uma é balconista em seu próprio bairro, e a outra trabalha fora da cidade, com a carga horária de 40 horas com a carteira assinada. As mesmas não participam de nenhuma atividade política e nenhum evento relacionado à comunidade. Uma das entrevistadas disse que não houve progresso nenhum nos últimos anos no Município, começando pelo acesso à rede de saúde, educação e aos Equipamentos CRAS e CREAS, pois quem mora no bairro da Grama só tem acesso à rede de saúde no bairro Morro da Alegria, porém existe uma demora no atendimento, e isso é visto como uma dificuldade enfrentada pela população, assim como a dificuldade no campo empregatício. Os locais empregatícios até existem, só que não têm vagas. Os meios de transportes públicos são regulares.

Segundo a entrevistada não existem serviços oferecidos pelo bairro ou para o bairro. A infraestrutura é precária a ponto de a entrevistada falar que “não existe infraestrutura”; são inexistentes as atividades e serviços realizados por um(a) Assistente Social nesse bairro, com essa ausência, muitas pessoas não sabem o que é o Serviço Social e o que a (o) Assistente Social faz em sua profissão.

Os serviços que são realizados não correspondem às dificuldades do bairro, porém o lugar é conhecido como calmo, e quando há problema, os moradores recorrem à prefeitura. As moradoras se sentem bem em morar no bairro, porém, não dispõem de locais para práticas de esporte e lazer, cultura, sendo necessário usar a área do bairro Salulares, próximo da localidade.

Já o entrevistado desde mesmo bairro relatou que participa de algumas atividades políticas, fazendo marketing político, e que, entretanto, não participa de eventos relacionados à comunidade, pois não existem. Os transportes públicos no ponto de vista do morador estão em péssimo estado. Desconhece os serviços e atividades realizadas pelo(a) Assistente Social e a falta da(o) profissional no bairro. Na entrevista, o morador sabe o que é Serviço Social, mas não conhece o trabalho do profissional.

A infraestrutura para o mesmo é considerada precária, mas em meio a tudo isso, o bairro é considerado tranquilo e o entrevistado gosta de morar no bairro onde reside por ser

um bairro agradável. Quando há algum problema ou reclamação, os moradores procuram a Câmara de Vereadores para uma solução. O bairro Grama não dispõe de locais para práticas de esporte, lazer ou cultura. Não existe prática estrutural.

No bairro Morro da Alegria, o entrevistado não participa de nenhuma atividade política e nem de eventos relacionados à comunidade, pois também não existe. Não tem nenhum acesso à rede de saúde, educação e aos Equipamentos CRAS e CREAS, e mesmo existindo um local de rede de saúde no bairro, o entrevistado falou que uma das dificuldades enfrentadas pela população é a falta de vagas de emprego, pois não existem campos empregatícios no bairro. Sobre os meios de transporte, relataram muitas reclamações. Sobre os serviços oferecidos, existe o Posto de Saúde, mas há falta de medicamentos. Quanto aos serviços e atividades realizados pelo Serviço Social, nesse bairro não existe, ou seja, também sofrem pela falta da(o) Assistente social o que gera uma divisão: nem todos conhecem a atuação da(o) Assistente Social, e a maioria da população não sabe qual o trabalho desenvolvido pela(o) profissional do Serviço Social.

Segundo o jovem, a infraestrutura do bairro é regular, e se sente bem morando no bairro, por ser considerado um bairro calmo e com locais onde pode praticar esporte, lazer e cultura, quando ocorrem reclamações ou problemas, os moradores recorrem ao vereador.

No Bairro Santa Josefa duas pessoas relataram que houve um grande processo de mudança no bairro e em sua infraestrutura. Beneficiária do BPC (benefício de prestação continuada) nasceu e reside no bairro há 38 anos; é funcionário público, com jornada de trabalho de 40 horas semanais, sendo 8 horas diárias de trabalho, seu regime de trabalho é estatutário. Ambos os entrevistados mencionam que existe ocupação na beira do rio Paraíba do Sul, que a infraestrutura do bairro é ruim, e que, entretanto, possuem acesso à saúde, e à educação. A entrevistada diz sentir falta de um lugar para fazer artesanatos. Os entrevistados concordam que não há postos de trabalho, mas ambos se sentem bem ao morar no bairro. Com relação ao serviço social afirmaram ter acesso ao serviço durante os períodos de cheia do Rio Paraíba do Sul, enquanto o entrevistado diz não procurar por esses serviços. Entram em concordância quando mencionam que os moradores do bairro sabem pouco sobre as atribuições dos Assistentes Sociais.

No bairro Ladeira do Curupaity foram entrevistados três moradores: um com 85 anos, residente do bairro, e a outra com 16 anos; uma é funcionária pública, com vínculo empregatício na Prefeitura Municipal de Paraíba do Sul-RJ; e a outra pensionista. Não participam de atividades políticas e nunca participaram, disseram que, apesar das várias mudanças que aconteceram no bairro, a infraestrutura é ruim. Relataram a falta de postos de emprego tanto nos bairros como na cidade, e que apesar do acesso à saúde e à educação, não utilizam os equipamentos CRAS CREAS. Percebem que a população do

bairro desconhece a função do assistente social. Uma delas alega que o transporte público é de má qualidade já para a outra o transporte se encontra em numa situação estável. As duas dizem que se sentem bem morando no bairro.

O entrevistado reside há 18 anos na localidade e relata que não houve mudanças e nem progresso. Não frequenta as instituições de saúde, “por não gostar de médicos”, não soube opinar sobre o serviço social e o trabalho dos assistentes sociais. Alega que o bairro é tranquilo e com infraestrutura regular, e que possui área de lazer e cultura.

No bairro Palhas foram entrevistados dois moradores, um reside no bairro Palhas há 39 anos e outro há 60 anos. Ele é aposentado e a mulher funcionária pública estadual. Em relação à atividade política um deles participou até o ano passado como presidente do PT do B e foi, por muitos anos, presidente do Conselho das Associações de Moradores de Paraíba do Sul-RJ. A entrevistada relatou não participar de atividades políticas. Ambos concordam que o transporte público é ruim, e que falta emprego na cidade. Relatam que o bairro possui postos de emprego, entre esses estão: escolas, creches e comércio. Um dos entrevistados diz não saber o que é Serviço Social, e nem a sua função, já o outro menciona que conhece parcialmente. São categóricos em dizer que a cidade estagnou, mas que se sentem bem residindo em seus respectivos bairros.

No bairro Liberdade foram entrevistadas duas mulheres: uma reside no bairro há 30 anos e a outra há dez. Uma é aposentada e a outra, dona de casa (sem vínculo empregatício). Mencionam ter acesso à saúde e educação, mas que não participam de atividades políticas, não frequentam eventos na comunidade. Uma delas diz que o progresso só se viu na gestão do prefeito Rogerio Onofre; a outra entrevistada diz que o progresso aqui não chegou e ainda discordam quando o assunto é rede de saúde, pois uma tem acesso mas a outra prefere a rede privada.

Atualmente relatam que não há campo empregatício. Enquanto ao transporte público uma diz que há mal funcionamento e a outra diz ser regular esses serviços. Alegam que existem pessoas desempregadas no bairro e na cidade, mas não souberam opinar sobre o Serviço Social ou sobre a função do assistente social. Ambas dizem que se sentem bem morando no local.

O entrevistado do sexo masculino trabalha como autônomo. Não considera que a cidade tenha tido algum progresso. Tem acesso à saúde e à educação; não frequenta os equipamentos CRAS e CREAS, pois não sabia da existência. Não soube opinar sobre o Serviço Social e a função do assistente social, e diz que a infraestrutura tanto da cidade, como do bairro é ruim; transporte público ruim. É morador há 13 anos do bairro e diz que o bairro tem fama de ser violento, porém na sua concepção o local é tranquilo.

Diante dos relatos revelados pelos indivíduos e da presença dominante de certas expressões da questão social, torna-se evidente a ausência dos direitos sociais e da restrição dos vários aspectos que contribuem para as necessidades mínimas desta sociedade. De acordo com a descrição feita pelo art. 6º e 7º da Constituição Federal, que faz descrição das garantias fundamentais que se caracterizam como direitos sociais à educação, à saúde, ao trabalho, à moradia, ao lazer, à segurança, à previdência social, à proteção à maternidade e à infância, à assistência aos desamparados, sendo também essenciais os direitos trabalhistas, individuais e coletivos e direitos à seguridade sociais, sendo estes inerentes aos cidadãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: análises necessárias

Uma das expressões identificadas foi o desemprego, que segundo Antunes (2015, p.127-128).

Desemprego ampliado, precarização exacerbada, rebaixamento salarial acentuado, perda crescente de direitos, esse é o desenho mais frequente da nossa classe trabalhadora. Resultante do processo de *liofilização organizacional* (Castillo, 1996) que permeia o mundo empresarial, em que as substâncias vivas são eliminadas, como o *trabalho vivo*, sendo substituídas pelo maquinário tecnoinformacional presente no *trabalho morto*. E nessa empresa liofilizada, é necessário um “novo tipo de trabalho”, que os capitais denominam, de modo mistificado, de colaborador.” (ANTUNES, 2015, p.127-128)

Sobre a ausência dos postos de trabalho na cidade, observamos que efetivamente abrange, em parte, alguns bairros dos quais o grupo foi a campo. Na cidade há uma precarização de postos de trabalho, o que exige do trabalhador se locomover para as cidades vizinhas. Isso afeta diretamente no bem-estar do indivíduo, que, assim como muitos entrevistados relataram, precisam passar horas dentro do ônibus e acabam ficando sem tempo de descanso e lazer.

A infraestrutura foi outro ponto que impacta a população. A maioria dos moradores demonstrou preocupação e insatisfação com a infraestrutura dos bairros: buracos nas ruas, falta de iluminação adequada, falta de saneamento básico, alagamentos e falta de coleta de lixo. A questão da má condição da infraestrutura está ligada ao enxugamento dos recursos públicos estaduais e federais, influenciados pelas práticas neoliberais no interior da política pública.

A relação entre população, questão social e serviço social se coloca indeterminada, pois muitos dos entrevistados não sabem o que o assistente social faz e quando o identifica relaciona-o ao Bolsa Família ou a momentos de tragédias naturais.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. Adeus ao trabalho? **Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**/ Ricardo Antunes- 16.ed.- São Paulo: Cortez, 2015.

IAMAMOTO, M. V. **O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 26. ed. São Paulo: Cortez. 2015.

_____. **Serviço Social em Tempo de Capital Fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Questão Social no Capitalismo**. Temporalis Ano II, n 3, Brasília: ABEPSS, 2001.

IBGE. **História de Paraíba do Sul**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/paraiba-do-sul/historico>. Acesso em 30 Mai 2019.

MINAYO, M.C.S. DESLANDES, S. F. GOMES, F. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016.

NETTO, J.P. **Cinco Notas a propósito da “Questão Social”**. ABEPSS. Revista Temporalis Ano II, n 3, Brasília: ABEPSS, 2001.

PMPARSUL. **A Cidade**. Disponível em: <http://paraibadosul.rj.gov.br/acidade/historia> Acesso em 30 Mai 2019.